

*120. CONFISSÃO DE DOMINGOS FERNANDES
NOBRE, DE ALCUNHA TOMACAÚNA,¹⁸⁵ MESTIÇO,
CRISTÃO-VELHO, NO TEMPO DA GRAÇA DO RE-
CÔNCAVO, NO ÚLTIMO DIA DELA, EM 11 DE FE-
VEREIRO DE 1592*

Disse ser cristão-velho, natural de Pernambuco, costa deste Brasil, mameluco, filho de Miguel Fernandes, homem branco, pedreiro, e de Joana, negra do gentio deste Brasil, defuntos, de idade de quarenta e seis anos, casado com Isabel Beliaga, mulher branca, cristã-velha, morador nesta cidade e não tem officio.

E confessando suas culpas, disse que de idade de dezoito anos até idade de trinta e seis anos viveu como homem gentio, não rezando, nem se encomendendo a Deus, cuidando que não havia de morrer nem tendo conhecimento de Deus, como verdadeiro cristão, e posto que se confessava pelas Quaresmas, era por cumprir com a obrigação, e

[185] Processado pelo visitador. Abjurou de leve suspeita na mesa, onde foi "grandemente repreendido". Recebeu penitências espirituais, pena pecuniária de 5 mil réis e foi proibido de voltar ao sertão. ANTT, II, proc. 10776.

sua vida no dito tempo foi mais de gentio que de cristão, porém nunca deixou a fé de Cristo e essa teve sempre em seu coração.

Confessou que haverá vinte e dois anos pouco mais ou menos que, em Pernambuco, pecou no pecado da carne com duas moças suas afilhadas, das quais ele foi padrinho quando, sendo elas gentias, as batizaram e fizeram cristãs, parecendo-lhe que tanto pecado era dormir com elas sendo suas afilhadas como se não o foram.

Confessou que haverá vinte anos pouco mais ou menos que ele foi ao sertão de Porto Seguro em companhia de Antônio Dias Adorno, à conquista do ouro, e no dito sertão ele usou dos usos e costumes dos gentios, tingindo-se pelas pernas com uma tinta chamada urucum e outra jenipapo, e empenando-se pela cabeça de penas, e tangendo os pandeiros dos gentios, que são uns cabaços com pedras dentro, e tangendo seus atabaques e instrumentos, bailando com eles, cantando suas cantigas gentílicas pela língua gentílica que ele bem sabe, e que estas coisas fez por dar a entender aos gentios do dito sertão que ele era valente e não os temia, por andarem sempre em guerra.

Confessou que haverá dezesseis anos pouco mais ou menos que, por mandado de João de Brito d'Almeida, que

foi governador nesta capitania na ausência do governador, seu pai, Luís de Brito, que ia para a Paraíba, foi ele confessante ao sertão de Arabó, por capitão de uma companhia a fazer descer o gentio para o povoado, na qual jornada gastou quatro ou cinco meses e, no dito sertão, ele tinha mulheres, duas, ao modo gentílico, as quais eram gentias filhas de gentios que lhas davam por mulheres, e se tingia ao seu uso gentílico, e bailava e cantava e tangia com os gentios ao seu uso gentílico, e se riscou pelas coxas, nádegas e braços ao modo gentílico, o qual riscado se faz rasgando com um dente de um bicho chamado paca, e depois de rasgar a carne levemente pelo couro, esfregam por cima com uns pós pretos, e depois de sarado, ficam os labores pretos impressos nos braços e nádegas, ou onde os põem, como ferretes, para sempre.

O qual riscado costumam fazer os gentios em si quando querem mostrar que são valentes e que têm já mortos a homens, e por ele confessante se ver então em um aperto dos gentios, que se levantavam contra ele, se fez riscar por um negro do dito modo para se mostrar valente e assim escapou, porque vendo isso os gentios lhe fugiram, e então se riscou com ele pela dita maneira Francisco Afonso Capara, morador em Pirajá, termo desta cidade.

Confessou que haverá quinze anos pouco mais ou menos que tornou ao mesmo sertão de Arabó desta capitania, por mandado do dito governador Luís de Brito, por capitão doutra capitania a fazer descer gentios para o povoado, na qual jornada gastou alguns seis meses, e no dito sertão lhe deram também os gentios suas filhas gentias por mulheres, e tinha duas e três juntamente por mulheres, como qualquer gentio, e bebia¹⁸⁶ com eles o seu fumo, que é o fumo de uma erva que em Portugal chamam a erva santa, e bebia com eles os seus vinhos e bailava e tangia e cantava com eles ao seu modo gentílico, e andava nu como eles, e chorava e lamentava propriamente como eles ao seu uso gentílico, as quais coisas todas fazia em descrédito da lei de Deus porque os gentios, vendo-o fazer as ditas coisas, o tinham também por gentio e lhe chamavam sobrinho e estas coisas fazia (tendo em seu coração a fé de Cristo), para os gentios lhe darem bom tratamento.

Confessou que haverá treze ou catorze anos que, por mandado do mesmo governador, tornou ao sertão dos

☞ ¹⁸⁶ Trata-se do tabaco, e onde todos diziam “beber” entenda-se “fumar”.

Ilhéus, onde gastou catorze meses, e nele se empenou pelo rosto com almecega e se tingiu com a tinta vermelha de urucum ao modo gentílico, e teve sete mulheres gentias que lhe deram gentios, e as teve ao modo gentílico, e tratou com eles e bebeu seus vinhos e fez seus bailes e tangeres e cantares, tudo como gentio.

E porque eles se levantaram contra ele e seus companheiros, ele confessante e João de Remirão, senhor do engenho seu, que mora vizinho de Tassuapina desta capitania, se fingiram serem feiticeiros da maneira que os gentios costumam ser, dizendo que lhes haviam de lançar a morte para todos morrerem, e fazendo algumas invenções e fingimentos para que eles assim o cuidassem e para escaparem que os não matassem, como escaparam.

Confessou que haverá vinte anos, no sertão de Pernambuco, no rio de São Francisco, deu uma espada e rodelas, e adagas e facas grandes de Alemanha, e outras armas aos gentios que são inimigos dos cristãos e os matam e guerreiam quando têm lugar para isso.

Confessou que haverá cinco ou seis anos pouco mais ou menos que, no sertão desta cidade, se alevantou entre os gentios uma erronia e abusão a que eles chamavam Santidade, e tinham um gentio a que chamavam papa, o qual

dizia ser Deus, e a outros chamavam santos, e uma gentia chamavam mãe de Deus, e a outras chamavam santas, e faziam entre si batismos com candeias acesas, lançando água pelas cabeças dos batizados, e punham-lhes nomes a seu modo, os quais batismos fazia o dito chamado papa, autor e inventor da dita erronia e abusão, o qual se chamava Antônio e era do gentio deste Brasil, e se criou em casa dos padres da Companhia de Jesus no tempo que eles tinham aldeias em Tinharé, capitania dos Ilhéus, donde ele fugiu para o sertão.

E ordenou a dita erronia, arremedando e contrafazendo os usos da Igreja cristã, fazendo os ditos batismos e fazendo igrejas com altares e pias de água benta, e mesas de confrarias e tocheiros, e contas de rezar, e sacristia, e tinham no altar um ídolo de uma figura de animal que nem demonstrava ser homem, nem pássaro, nem peixe, nem bicho, mas era como quimera,¹⁸⁷ no qual adoravam, e a dita negra chamada mãe de Deus era mulher do dito papa ao seu uso gentílico.

E sendo assim levantada esta abusão, foi ele confes-

☛ ¹⁸⁷ Além de significar “coisa imaginada”, *quimera* era também “monstro fabuloso com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão”.

sante, por mandado do governador Manuel Teles Barreto, por capitão de uma companhia de soldados que consigo levou para desfazer a dita erronia e prender e trazer os sustentadores dela, dos quais muitos e a mor parte deles eram cristãos que, depois de serem cristãos, fugiram para o dito chamado papa, que também era cristão.

E indo ele confessante já pelo sertão dentro, achou que os sustentadores da dita abusão fugiam por sentirem que iam contra eles, e topou com uma manga de negros do gentio deste Brasil, deles gentios e deles cristãos, os quais traziam consigo o dito ídolo, e vendo ele confessante o dito ídolo, lhe tirou o chapéu e o reverenciou fingidamente, por enganar aos que o traziam, dando-lhes a entender que cria naquela sua abusão.

E pedindo-lhe os ditos negros que os deixasse fazer uma procissão com o dito ídolo, ele confessante lhes deu licença para isso, e mandou aos seus negros que consigo levava que os ajudassem a fazer a dita procissão, e com eles fez ele seus sagrados e tangeu seus instrumentos gentílicos ao seu uso daquela sua abusão chamada Santidade.

E então mandou ele confessante a alguns de seus companheiros com o dito ídolo que o levassem a Fernão Cabral de Taíde, à sua fazenda de Jaguaripe, donde ele con-

fessante tinha partido para o dito sertão, os quais companheiros eram Domingos Camacho, natural do Algarve, que ora está nas Índias de Tocumão,¹⁸⁸ e Pantaleão Ribeiro, lavrador e morador na fazenda de Diogo Correa, pelos quais, com o dito ídolo, escreveu uma carta ao dito Fernão Cabral em que lhe dizia que lhe mandava ali aquele ídolo com aquela gente seguidora da dita abusão, que poderiam ser algumas sessenta almas, que lhes fizesse boa companhia enquanto ele confessante ia por diante ao sertão, por que não corresse ele perigo no sertão.

E que depois de assim despedir aos ditos seus companheiros que levaram a dita sua gente e ídolo, ele confessante foi por diante, levando já consigo novo socorro de companheiros que lhe mandou o governador Manuel Teles.

E chegando a um passo onde chamam Palmeiras Compridas, lhe mandou dizer o principal dos sustentadores daquela erronia, o qual chamavam papa, que ele não passasse daquele lugar sob pena de obediência, porque ele viria logo aí ter, e logo o dito chamado papa veio vestido com uns calções de raxa preta e uma roupeta verde e um

☞¹⁸⁸ Possivelmente Tucumán, na América espanhola, Noroeste argentino.

barrete vermelho na cabeça, trazendo consigo muitos dos seus sequazes em fileiras de três, em ordem, e as fêmeas e crianças todas detrás com as mãos levantadas.

E o dito chamado papa, que vinha na dianteira, e os mais que o seguiam em fileiras, vinham fazendo meneios e movimentos com os pés e a mão e pescoço, e falando certa linguagem nova, que tudo era invenção e cerimônia daquela abusão chamada Santidade.

E ele, confessante, adorou ao dito chamado papa e se ajoelhou diante dele dizendo estas palavras, “adoro-te bode porque hás de ser odre”.

E logo ele confessante fez também o pranto ao dito chamado papa, segundo o costume gentílico, e saltou e festejou com ele ao seu modo gentílico, e bebeu o fumo com ele, ao qual fumo os seguidores da dita abusão chamavam sagrado, e tangeu e cantou com eles seus instrumentos e suas cantigas em suas linguagens, e consentiu que adorassem a ele confessante, e lhe chamassem filho de Deus e lhe chamassem também são Luís.

E que todas estas coisas fez e consentiu sem a intenção nem ânimo de gentio, mas fingidamente, para enganar aquela gente daquela erronia e a trazer consigo, como trouxe, para a dita fazenda do dito Fernão Cabral.

E ao dito chamado papa deu ele confessante uma espada de cavalgar, e dantes já lhe tinha mandado um traçado¹⁸⁹ e o dito vestido com que ele vinha vestido.

Confessou mais, que antes deste caso da dita abusão, foi ele ao sertão desta capitania em companhia de Luís Lopes Pessoa, com licença do governador Lourenço da Veiga,¹⁹⁰ que então governava este estado, para fazerem descer gente do gentio e trazê-la consigo para o povoado, na qual entrada gastou um ano, e no dito tempo fez e usou com os ditos gentios os seus costumes gentílicos, fazendo seus tangeres e cantares da maneira sobredita, e aceitou deles quatro mulheres que lhe deram por mulheres ao seu modo gentílico.

Confessou mais, que haverá dois anos e meio que ele foi com licença da mesa do governo ao sertão, na companhia de Cristóvão da Rocha, a fazer descer gentio donde ora vem ao sertão de Pernambuco, onde também consentiu e mandou fazer uma dança de espadas e festas aos gentios do dito sertão de Pernambuco, (e) também deu duas

☞ | ¹⁸⁹ *Traçado* ou *terçado*: espada curta.

☞ | ¹⁹⁰ Foi governador de 1578 a 1581.

espingardas aos ditos gentios e também lhe deram seis mulheres que ele teve por mulheres.

E assim confessou que, em todos os ditos tempos que andou nos ditos sertões, comeu sempre por muitas vezes carne em todas as Quaresmas e mais dias em que a Igreja defende carne, e muitas vezes disse que não queria vir-se nunca do sertão, pois nele tinha muitas mulheres e comia carne nos dias defesos, e fazia mais que queria sem ninguém lhe tomar conta.

E disse que, de todas estas coisas e culpas que confessado tem, pede perdão neste tempo de graça.

E foi logo perguntado quanto tempo há que ele é casado com sua legítima mulher Isabel Beliaga e de que maneira tinha ele as mulheres do sertão, respondeu que há vinte e três anos pouco mais ou menos que é casado, e que no sertão as mulheres que lhe davam, ele as não recebia por palavras algumas da Igreja, somente as tomava como é costume entre os gentios para conservação de mulheres para conversação desonesta.

E perguntado se podia ele escusar de comer carne nos tempos defesos, respondeu que sempre a comeu por necessidade, por não ter outro mantimento, e que quando tinha mantimento deixava de comer a carne.

E declarou que, no tempo que ele adorou o chamado papa, ele disse aos seus companheiros que o adorassem por dissimular, porém que estava diante de todos e não viu se adoraram, senão que o dito chamado papa lhe disse que se chamava Antônio e era cristão, e fora dos padres da Companhia de Jesus de Tinharé, capitania dos Ilhéus.

E sendo perguntado que pessoas viu na dita sua companhia fazer o mesmo que ele fez, ou outras coisas semelhantes, respondeu que viu ao dito capitão Cristóvão da Rocha dar aos gentios que são inimigos dos brancos, e quando podem os guerreiam e matam, um instrumento de guerra, bandeira de seda, tambor, cavalo, égua, espingarda, espada, e assim se dizia que dera uma botija de pólvora, e o viu tismado pelo pescoço com tinta de jenipapo ao costume gentílico, e lhe viu ter cinco ou seis mulheres ao modo gentílico, e viu a Pedro Álvares, mameluco, morador ora em Sergipe o Novo, mandar dar uma espada aos ditos gentios por três peças, e viu a Fernão Sanches Carriho, homem branco d'Alentejo, que ora está no rio de São Francisco, dar aos ditos gentios uma coura,¹⁹¹ e viu a Do-

☞¹⁹¹ *Coura*: gibão de couro com abas.

mingos Dias, mameluco, riscado em um braço ao modo gentílico, o qual ora lhe parece que está em Paraguaçu.

E por não dizer mais, foi-lhe mandado ter segredo e assim o prometeu, e do costume disse que tem ódio a Cris-tóvão da Rocha.

VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Confissões da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp.346 – 358.